

## **PASSO DOS NEGROS: NÃO HÁ DINHEIRO QUE (A)PAGUE ESSAS HISTÓRIAS**

LARISSA OSTERBERG DA CRUZ<sup>1</sup>; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [larissa.cruzosterberg@hotmail.com](mailto:larissa.cruzosterberg@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [louise\\_alfonso@yahoo.com.br](mailto:louise_alfonso@yahoo.com.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa apresentar algumas ações realizadas durante 2019 pelo projeto de extensão “Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas/ os em formação, no âmbito do projeto de pesquisa “Margens: Grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.”; ambos projetos desenvolvidos no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas.

Este projeto de extensão trabalha no Passo dos Negros, que é uma comunidade localizada às margens do canal São Gonçalo, próxima ao shopping. A localidade foi o primeiro porto da cidade de Pelotas, por onde passa o caminho das tropas e foi local de chegada de escravizados/as à região, o que sugere o nome “Passo dos Negros”. Além disso, a região abriga o que foi um dos maiores engenhos de arroz da América Latina (Engenho Coronel Pedro Osório), uma antiga ponte construída em 1854 por mão de obra escravizada (a Ponte dos Dois Arcos), figueiras centenárias, entre outros elementos importantes para a história local e também para os/as moradores/as. Hoje em dia, é uma área que está sofrendo especulação imobiliária com riscos dos/as moradores/as serem removidos/as da localidade para a construção de condomínios de luxo.

Desde 2014, o projeto vem fazendo diferentes atividades de visibilização das narrativas de diversos grupos que habitam o Passo dos Negros. Estas ações objetivam afirmar a importância dessas narrativas e valorizar suas formas de habitar, propor reflexões sobre direito à cidade de moradores/as da periferia, possibilitar a visibilidade das histórias destes grupos e favorecer sua auto representatividade.

Dentre as atividades realizadas neste último ano, destaco a roda de conversa no Osório Futebol Clube no primeiro semestre de 2019. Esta roda fez parte do evento anual do Projeto de Pesquisa Margens, grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, denominado Cidades em transe. Enquanto os adultos estavam conversando e trocando experiências, foram propostas algumas atividades e brincadeiras para as crianças, que também nos mostraram outras formas de habitar Pelotas, a partir de suas vivências. Outra atividade de suma relevância elaborada pelo projeto foi a exposição “Patrimônios invisibilizados: para além dos casarões, quindins e charqueadas” montada no porão da Biblioteca Pública durante as comemorações do Dia do patrimônio, em especial o módulo “patrimônio no Passo dos Negros: não há dinheiro que (a)pague essas histórias”.

### **2. METODOLOGIA**

A metodologia deste projeto de extensão é pensada de maneira multidisciplinar e participativa. As ações são pautadas em pesquisas bibliográficas, observações participantes e, em especial, utilizamos a etnografia

coletiva para melhor compreendermos diferentes perspectivas sobre o lugar e atender as demandas das comunidades a partir das próprias concepções de cidade destes grupos. É no diálogo com a comunidade local, possibilitado pelas rodas de conversas e demais ações que são pensados os debates que levaremos para a sociedade mais ampla, como as exposições. As atividades realizadas foram planejadas em conjunto durante as reuniões semanais do projeto de extensão e lideranças interlocutoras do projeto. Fizemos pequenos grupos de organização, cada um responsável por uma tarefa durante a roda, como as brincadeiras com as crianças, a divulgação da roda junto às/aos moradoras/es, montagem da exposição, elaboração dos banners, etc.

As atividades no Passo dos Negros foram divididas em duas partes: a roda de conversa dos adultos e as atividades com as crianças, ambas sendo no Osório Futebol Clube e ao mesmo horário. Na primeira os/as moradores/as levaram objetos e fotos sobre suas histórias e cotidianos no Passo dos Negros para ilustrar e motivar suas narrativas. Já as atividades com as crianças foram um pouco mais desafiadoras para o grupo. A primeira brincadeira foi um caça-bandeiras com o fim de criarmos um vínculo com as crianças, a segunda foi um jogo de tabuleiro com perguntas sobre como as crianças veem o local, como vivem ali, pensada para entendermos seus olhares para o local e para Pelotas. A terceira propunha um debate a partir de determinados desenhos referentes a objetos presentes no Passo dos Negros.

As experiências vivenciadas durante as rodas, aprendizados sobre o habitar o Passo nas ações anteriores, culminaram no módulo na exposição “patrimônio no Passo dos Negros: não há dinheiro que (a)pague essas histórias. Para maior diálogo com as crianças visitantes da exposição, criamos histórias em quadrinhos que abordassem temáticas constantes nas falas das crianças dos Passo. Este banner ficou exposto numa altura baixa para melhor visualização das crianças; a produção delas foi feita pelo desenhista Guilherme, ex-integrante do projeto “Narrativas do Passo dos Negros”. A produção do outro banner apresentou um mapa da localidade com marcos relevantes para as/os moradores/as, pois na exposição do ano anterior, grande parte dos/as visitantes, perguntava onde ficava. O mapa também auxiliou que a população evidenciasse a especulação imobiliária que invade o território do Passo e ameaça a permanência da comunidade ali. O nome do módulo “Patrimônio no Passo dos Negros: não há dinheiro que (a)pague essas histórias” foi uma adaptação a uma fala do presidente do Osório Futebol Clube.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No dia dois de junho de 2019, aconteceu a roda de conversa que envolveu as/os moradoras/es do Passo dos Negros, a equipe do projeto e demais convidados/as. Antes de darmos início as atividades foi feita a entrega oficial de uma cópia do Dossiê de patrimonialização do Passo ao presidente do Osório Futebol Clube, importante interlocutor do projeto. Este dossiê foi elaborado pelo grupo de estudos a pedido dos/as moradores/as e foi entregue ao IPHAN no início do ano. Sr. Aniba se emocionou com a entrega e disse: “Quem sabe um dia nós podemos ser um patrimônio tombado! Ninguém conta as histórias dos negrinhos que tão aí, atirado nesse São Gonçalo, quantos coitados sofreram por nós e agora nós estamos aqui, graças a eles!”, o que demonstra a importância das narrativas daquela comunidade serem reconhecidas e legitimadas.

A roda de conversa começa com a atenção dos/as moradores/as, porém, com o andar da atividade a roda apresenta diversos diálogos cruzados, fazendo-

me perceber o gosto e a vontade de cada uma daquelas pessoas contarem suas histórias. Empolgam-se ao falar sobre o início do Passo dos Negros e como era o cotidiano das pessoas que ali viviam há 50 anos atrás. Durante as conversas, as fotos trazidas por moradoras/es iam passando de mãos em mãos e cada pessoa complementa as narrativas anteriores, as/os moradoras/es identificam-se com as imagens, lembrando e demonstrando a importância do local e seus vínculos afetivos.

Já nas atividades infantis, reparamos a imposição dos adultos para que as crianças participassem das brincadeiras, não foi um convite, foi uma convocação! A primeira brincadeira se tratava de um caça bandeiras, foi notável o entrosamento das crianças entre si, todas interagindo muito umas com as outras. Porém desde a primeira brincadeira, as brigas já começaram, sendo a primeira rodada fluida como esperávamos, porém já na segunda, começam as trapaças (pegar a bandeira do outro time para não encontrarem, etc).

O próximo jogo começa, trata-se de um jogo de tabuleiro com questões sobre a comunidade, a primeira foi “conte uma história sobre o Passo”, uns olham aos outros e não querem contar, depois de um tempo perguntamos “você não tem medo de nada?” “TIROTEIO”, grita um garoto rindo, se referindo aos “corpos que tem no Dunas”, porém, são histórias contadas com tom humorístico. Questionamos sobre “a noiva” (mitologia muito presente nas narrativas dos moradores locais). As expressões se fecham e o assunto se torna sério. Peço para me contarem a história e começaram a relatar: “era uma noiva que se enforcou na figueira e até hoje, quando baixa o sol, ela está lá e ninguém pode olhar nos olhos dela que ela empurra pra baixo da terra.” As narrativas sobre a noiva e sobre o time de futebol guiaram as atividades.

Foi a partir dos debates destas ações e da experiência da exposição montada nos anos de 2017 e 2018, que elaboramos o Módulo do Passo dos Negros da exposição que montamos para as comemorações do Dia do Patrimônio, no porão da Biblioteca Pública Pelotense. A exposição se manteve no local do dia 2 ao dia 20 de agosto, tendo mediação dos/das participantes do projeto Margens nos dias 16, 17 e 18, nas festividades do Dia de Patrimônio.

O módulo do Passo dos Negros visava possibilitar que as/os visitantes conhecessem o local e entendessem sobre as transformações ao longo do tempo, sua importância e as lutas dos/as moradores/as para se manter na localidade. Mais de três mil pessoas prestigiaram nossa exposição. Interessante pensar sobre como grande parte da população conhece o shopping de Pelotas e o Parque Uma (um dos grandes condomínios construídos no local e que ameaçam a permanência das pessoas ali), porém nunca ouviu falar sobre o Passo dos Negros.

O banner das tirinhas foi dividido em quatro partes: a primeira sobre o processo de higienização que o local está passando, outra sobre a interação das crianças com as tartarugas q habitam o Passo, a terceira mostrando Sr. Aniba orgulhoso falando do Osório Futebol Clube para as crianças e, por último, uma com a noiva e o negrinho do engenho (dois personagens locais). O Sr. Aniba, quando se reconheceu no terceiro quadrinho, se emocionou, o que nos remete

novamente a importância da visibilidade destas narrativas e representatividade em exposições como essa.

Momentos também marcantes vivenciamos ao ver moradores/as e ex moradores/as olhando a exposição e se emocionando por verem suas histórias contadas em um museu, vendo as fotos que colocamos e se reconhecendo nelas, procurando suas casas no mapa e nos contando suas histórias. Também demais visitantes refletindo sobre direito à cidade e desconstruindo pré-conceitos sobre as regiões de periferia da cidade.

#### 4. CONCLUSÃO

Ambas as atividades (exposição e roda de conversa) só intensificaram nosso olhar sobre a importância de serem visibilizadas essas histórias. Cabe destacar que nos mapas oficiais da cidade de Pelotas, essa localidade é colocada como um vazio populacional, além de suas narrativas, suas próprias existências são invisibilizadas na cidade. Nossa proposta é continuar apoiando as lutas daquela comunidade, evidenciando e valorizando as suas narrativas e formas de habitar do Passo dos Negros. Ressaltamos ainda a importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, de forma que a universidade aprenda a dialogar com as comunidades de forma a construir com elas suas pesquisas, nos ensinando enquanto estudantes e futuros profissionais que existem outras formas de existir que muitas vezes são deslegitimadas pelo saber acadêmico.

#### 5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). **Dossiê: Pela patrimonialização do Passo dos Negros.** Pelotas, 2019.